

**EVASÃO ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO COM ALUNOS DA EJA NA ESCOLA  
MUNICIPAL JOÃO BENÍCIO MAGALHÃES NA LOCALIDADE RIACHO  
GRANDE EM CORRENTE-PI**

**Cledemilson Fé Louzeiro<sup>1</sup>**

**Enilson Gladiel Miranda de Sousa<sup>2</sup>**

**Resumo:** Este estudo tem como objetivo principal analisar os fatores que contribuem para a evasão escolar de alunos matriculados na Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Municipal João Benício Magalhães, localizada em Riacho Grande, Corrente, Piauí. A pesquisa busca identificar as principais causas desse problema e propor possíveis soluções para a sua minimização. A metodologia utilizada neste estudo foi delineada com uma abordagem qualitativa, envolvendo a aplicação de entrevistas semiestruturadas com alunos, professores e gestores da escola. Além disso, foram analisados dados secundários, como registros escolares e indicadores educacionais da escola e da localidade. A evasão escolar, um problema complexo e multifatorial, afeta significativamente a trajetória de vida dos alunos e o desenvolvimento social e econômico da comunidade. No contexto da Escola Municipal João Benício Magalhães, a evasão representa um desafio a ser superado, exigindo a implementação de ações estratégicas para garantir a permanência dos estudantes na escola. Os resultados preliminares da pesquisa apontam para uma série de fatores que contribuem para a evasão escolar na EJA, tais como dificuldades financeiras, necessidade de trabalhar, falta de apoio familiar, distância da escola, defasagem escolar, metodologias de ensino inadequadas e falta de recursos pedagógicos.

**Palavras-chave:** evasão escolar; EJA; educação de jovens e adultos; perfil sociodemográfico; políticas educacionais.

---

<sup>1</sup>Graduando em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí. Campus Jesualdo Cavalcanti. E-mail: [cledemilsonfelouzeiro@aluno.uespi.br](mailto:cledemilsonfelouzeiro@aluno.uespi.br)

<sup>2</sup> Professor de licenciatura plena em Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí *campus* Jesualdo Cavalcante, na cidade de Corrente, no Estado do Piauí. E-mail: [enilsongladielmirandadesousa@cte.uespi.br](mailto:enilsongladielmirandadesousa@cte.uespi.br)

**Abstract:** This study aims to analyze the factors that contribute to school dropout among students enrolled in the Youth and Adult Education (EJA) program at the Municipal School João Benício Magalhães, located in Riacho Grande, Corrente, Piauí. The research seeks to identify the main causes of this issue and propose possible solutions to minimize it. The methodology used in this study followed a qualitative approach, involving the application of semi-structured interviews with students, teachers, and school administrators. Additionally, secondary data such as school records and educational indicators from both the school and the local community were analyzed. School dropout, a complex and multifactorial problem, significantly affects students' life trajectories and the social and economic development of the community. In the context of the Municipal School João Benício Magalhães, dropout represents a challenge to be overcome, requiring the implementation of strategic actions to ensure students' continued enrollment. The preliminary results of the research point to a series of factors that contribute to school dropout in the EJA program, such as financial difficulties, the need to work, lack of family support, distance from the school, educational gaps, inadequate teaching methodologies, and a lack of pedagogical resources.

**Keywords:** school dropout; youth and adult education; sociodemographic profile; educational policies.

## **Introdução**

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) foi concebida como uma modalidade educacional voltada à garantia do direito à aprendizagem para aqueles que, por diversos motivos - históricos, sociais, culturais ou econômicos -, não tiveram acesso ou permanência no ensino regular na idade apropriada. Apesar de sua relevância social, a EJA enfrenta desafios estruturais no Brasil, entre os quais a evasão escolar se destaca como um dos mais graves. A realidade vivida por muitos estudantes revela trajetórias interrompidas, dificuldades socioeconômicas, sobrecarga de responsabilidades e falta de políticas públicas consistentes, o que leva milhares de jovens e adultos a abandonarem os estudos todos os anos.

Diante desse cenário, é urgente compreender os múltiplos fatores que contribuem para esse abandono e pensar estratégias mais eficazes de permanência e valorização do ensino para esses sujeitos. A evasão escolar não pode ser tratada como uma falha individual do aluno, mas como reflexo de desigualdades que ainda marcam profundamente a educação brasileira — sobretudo em zonas rurais e em comunidades de maior vulnerabilidade.

O presente artigo trata-se de uma pesquisa que busca entender os aspectos relacionados à evasão escolar na Educação de Jovens e Adultos (EJA), que é um problema persistente no Brasil, com graves consequências para os indivíduos e para a sociedade como um todo, incluindo a análise das causas e consequências desse fenômeno.

O objetivo geral é analisar os fatores e causas que contribuem para a evasão escolar de alunos matriculados na EJA da Escola João Benício Magalhães, localizada em Riacho Grande, zona rural de Corrente, Piauí. A evasão é uma das problemáticas em destaque no cotidiano de várias pessoas. Este artigo pretende não apenas apresentar um panorama teórico sobre a evasão escolar, mas também trazer à tona vozes que frequentemente não são ouvidas no debate educacional.

Espera-se que os resultados desta pesquisa possam contribuir para reflexões e ações efetivas que visem à redução da evasão escolar e ao fortalecimento da educação no Brasil.

Os objetivos específicos desta pesquisa procuram identificar os fatos ocorridos nas comunidades relacionados à evasão escolar; conhecer as condições socioeconômicas desses alunos da rede pública, por meio do censo escolar; e investigar as estratégias utilizadas pelas escolas para a superação do fenômeno da evasão escolar. Essa abordagem proporcionará uma visão mais ampla, prática e contextualizada sobre esse tema, abordando as experiências vividas nas instituições educacionais. A análise será enriquecida, permitindo uma compreensão mais aprofundada do fenômeno da evasão.

Para isso, a pesquisa se baseará em uma abordagem qualitativa, envolvendo a análise de dados bibliográficos e a realização de entrevistas com alunos, professores e gestores. As entrevistas permitirão uma compreensão mais profunda das experiências vividas pelos estudantes, revelando não apenas os fatores que contribuem para a evasão, mas também as aspirações e desafios enfrentados no cotidiano escolar. Ao investigar esses aspectos, esperamos contribuir para o desenvolvimento de estratégias que possam mitigar a evasão escolar, promovendo um ambiente educativo mais inclusivo e acolhedor nas comunidades rurais do sul do Piauí.

Os resultados desta pesquisa poderão contribuir para reflexões e ações efetivas que visem à redução da evasão escolar e ao fortalecimento da educação no Brasil. Esta pesquisa é de fundamental importância, visando ao aprimoramento do desempenho de instituições de ensino e aprendizagem, bem como à melhoria das técnicas de influência dentro das escolas e fora delas, com projetos pedagógicos que busquem a integração de pessoas na área da educação.

A ausência de políticas públicas educacionais tem se tornado uma das características mais marcantes nos problemas relacionados à evasão. Alguns estudos apontam que a evasão escolar não afeta apenas os alunos envolvidos, mas também perpetua impactos na sociedade como um todo, contribuindo para a continuidade de ciclos de pobreza e desigualdade.

Um objetivo fundamental é a redução da taxa de evasão escolar, garantindo que todos os jovens tenham acesso às oportunidades que a educação pode proporcionar. Este trabalho busca investigar e apontar as causas da evasão escolar, seus impactos e possíveis soluções que possam ser implementadas por instituições educacionais e políticas públicas para mitigar esse problema.

### **Evasão escolar na EJA**

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino voltada para aqueles que não tiveram oportunidades de concluir sua formação escolar na idade apropriada. Essa modalidade é essencial para promover a inclusão social e garantir o direito à educação, conforme a Constituição Federal do Brasil e as diretrizes do Ministério da Educação.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) passou a ser reinterpretada a partir das diretrizes da Resolução CNE/CEB nº 11/2000, que atualizou as normas anteriormente estabelecidas pelo Parecer nº 699/72 do Conselho Federal de Educação (CFE) sobre o ensino supletivo. Nesse novo entendimento, a EJA passou a ser concebida com base em três funções essenciais: a função reparadora, a equalizadora e a qualificadora.

A função reparadora tem como finalidade restituir o direito à educação a pessoas de todas as idades, assegurando-lhes acesso a uma escola de qualidade. Isso significa criar condições para que esses indivíduos exerçam sua cidadania plena, sejam inseridos no mundo do trabalho e sejam reconhecidos com igualdade e dignidade. Diante disso, torna-se indispensável a existência de políticas públicas voltadas para esse público específico, visando atender suas necessidades de aprendizagem. A exclusão educacional de jovens e adultos é hoje uma das questões sociais mais urgentes e complexas em debate (Barbosa, 2017).

Essa função deve ser entendida não apenas como uma forma de compensação, mas como uma verdadeira abertura de caminhos para concretizar direitos historicamente negados. No entanto, essas possibilidades enfrentam obstáculos significativos, ligados a desigualdades profundas, cuja superação muitas vezes ultrapassa o alcance das ações pedagógicas, a vontade política, ou mesmo o empenho de professores e estudantes. A função reparadora, portanto, representa o reconhecimento, por parte do Estado, de uma dívida histórica com aqueles que

foram privados do direito à educação, especialmente ao acesso a uma escola de qualidade e ao respeito à sua condição humana (Barbosa, 2017).

Já a função equalizadora tem como foco oferecer novas oportunidades educacionais a trabalhadores e a pessoas de diferentes origens sociais que não conseguiram frequentar ou permanecer na escola no tempo esperado. Sua proposta é permitir que esses estudantes possam retomar seus estudos, reconstituir sua trajetória escolar e, com isso, acessar as mesmas oportunidades de desenvolvimento e inserção social que os demais (Barbosa, 2017).

Por fim, a função qualificadora busca garantir aos jovens e adultos a possibilidade de ampliar seus conhecimentos, de forma a prepará-los para competir de maneira mais justa no mercado de trabalho. Além disso, essa função promove o desenvolvimento de sujeitos capazes de contribuir para a construção de uma sociedade mais ética, humana, justa e solidária (Barbosa, 2017).

No entanto, a EJA enfrenta um desafio significativo: a evasão escolar. Trata-se de um problema complexo que pode ser causado por diversas razões, como a distância da escola para alunos do campo, dificuldades de aprendizagem, desmotivação, problemas familiares e falta de suporte emocional por parte de algumas instituições de ensino.

A evasão escolar na EJA refere-se ao abandono dos estudos por parte dos alunos matriculados, o que compromete não apenas o desenvolvimento pessoal desses indivíduos, mas também o progresso social e econômico das comunidades em que vivem. Os fatores socioeconômicos que contribuem para a evasão podem incluir a necessidade de trabalho para sustentar a família ou ajudar nas despesas em casa, falta de apoio e incentivo ao estudo, além da desvalorização da educação formal.

Além disso, muitos alunos da EJA enfrentam dificuldades relacionadas à baixa autoestima e à sensação de inadequação em um ambiente escolar que, muitas vezes, é predominantemente ocupado por jovens. Essa dinâmica pode levar à desmotivação e ao sentimento de que a educação não pertence às suas vidas ou aspirações.

A falta de infraestrutura adequada nas instituições que oferecem a EJA, como recursos didáticos insuficientes e professores mal preparados para lidar com as diversas características dessa modalidade, também contribui para o aumento da evasão.

### **Estratégias para combater a evasão na EJA**

Como vimos, a evasão escolar na Educação de Jovens e Adultos (EJA) é um desafio persistente no Brasil, afetando significativamente os índices de escolarização e a inclusão

social de milhões de brasileiros e, nesse sentido, diversos estudos apontam que as causas da evasão são multifatoriais, envolvendo aspectos socioeconômicos, culturais, pedagógicos e institucionais. Pode-se perceber que muitos estudantes da EJA abandonam os estudos por precisarem trabalhar para sustentar suas famílias, por dificuldades financeiras, falta de transporte, baixa autoestima, experiências escolares anteriores negativas ou mesmo por não se sentirem acolhidos pela escola. Além disso, há currículos pouco atrativos e uma ausência de metodologias adaptadas à realidade desses sujeitos. A pesquisa de Silva *et al.* (2025), por exemplo, apontam que fatores sociais, econômicos e pedagógicos influenciam diretamente a permanência dos estudantes na EJA, exigindo uma abordagem educativa mais flexível e sensível às condições desses alunos.

Rodrigues e Bentes (2018), por exemplo, argumentam sobre a importância de adaptar os métodos pedagógicos às especificidades culturais e sociais dos alunos, especialmente em comunidades tradicionais, como os quilombolas. Segundo os autores, torna-se essencial repensar as práticas pedagógicas para torná-las mais relevantes, levando em consideração as vivências e saberes dos sujeitos da EJA. Há que se considerar, por exemplo, a adoção de metodologias ativas e contextualizadas, que colocam o aluno no centro do processo de aprendizagem. Costa *et al.* (2020) afirmam que essas metodologias devolvem o protagonismo ao aluno, tornando o aprendizado mais significativo e motivador. Quando os conteúdos escolares são associados à realidade cotidiana dos estudantes, eles passam a fazer mais sentido, gerando maior envolvimento com a escola.

Outra medida que pode ser importante nesse sentido é a flexibilização do tempo e do espaço escolar, porque muitas vezes os estudantes da EJA possuem rotinas intensas de trabalho e responsabilidades familiares, o que os impede de frequentar a escola todos os dias. O oferecimento de disciplinas em dias alternados pode ser um fator que favoreçam a permanência dos alunos. Além disso, permitir que o aluno tenha acesso a plataformas digitais e outros recursos que o ajudem a estudar em diferentes momentos e ambientes é uma forma de ampliar o alcance da educação e torná-la mais acessível.

Podemos supor também que é relevante levar em consideração o acolhimento e o apoio psicossocial, pois o estudante da EJA precisa, antes de tudo, sentir-se pertencente à escola. A escuta atenta, o respeito à trajetória de vida, a valorização de suas experiências e a construção de vínculos afetivos são formas de fortalecer o sentimento de pertencimento e, conseqüentemente, a permanência. Medidas como a oferta de merenda escolar, a criação de espaços de cuidado para os filhos dos alunos e o acompanhamento individualizado são ações que fazem diferença.

Para além do espaço escolar, a implementação de políticas públicas voltadas especificamente para a EJA é essencial, visto que, segundo Rodrigues e Bentes (2018), é urgente que essas políticas valorizem as identidades e culturas locais, promovendo a inclusão social e educacional. Nesse sentido, parcerias com instituições públicas e privadas também podem ser estabelecidas para oferecer transporte escolar, alimentação, bolsas de estudo e até oportunidades de qualificação profissional, o que ajuda a manter os estudantes vinculados à escola.

Do mesmo modo, uma das medidas mais importantes nesse cenário é a formação continuada dos educadores, pois é uma condição indispensável para garantir a qualidade da EJA. Os professores precisam estar preparados para atuar com metodologias sensíveis às trajetórias dos alunos e atentas às diversidades presentes nas salas de aula. A capacitação docente deve estar preparada para utilizar o uso de tecnologias, o trabalho com projetos interdisciplinares, a valorização da cultura popular e o reconhecimento dos saberes não escolares como parte do processo educativo.

De acordo com Oliveira e Pereira (2021), é necessário construir uma escola acolhedora, democrática, que valorize os sujeitos e que esteja disposta a caminhar com eles, respeitando seu tempo e suas condições. Os autores argumentam que a educação de jovens e adultos não deve ser vista como uma modalidade secundária, mas como parte essencial do direito à educação ao longo da vida.

### **Ações e soluções**

Com a obrigatoriedade da frequência escolar, houve uma queda na evasão escolar. Alunos beneficiados por programas do governo, como o Bolsa Família, tiveram seus recursos suspensos por faltas, o que também foi um pilar para que não deixassem de frequentar as aulas presenciais. Aqui, ressalta-se que a Constituição de 1934 determinou a obrigatoriedade da frequência escolar no ensino primário, colocando-a como um critério para aprovação do aluno. Com isso, muitos abandonaram o hábito ou costume de faltar frequentemente às aulas.

Outras causas em destaque que fazem com que algumas mulheres deixem de frequentar a escola incluem a gravidez e/ou maternidade. Quando uma adolescente abandonava os estudos por esses motivos, o processo era suspenso, e os serviços de proteção à infância e à adolescência eram acionados.

De relevância abrangente, a ficha de presença tem um papel crucial na gestão escolar. Primeiramente, ela é importante para garantir a segurança dos alunos, pois permite que a

escola tenha o devido controle e saiba quem está de fato comparecendo às aulas. Em caso de emergência, é possível identificar quem está presente no local. Além disso, a ficha de chamada é usada no monitoramento constante da frequência dos alunos, essencial para avaliar o engajamento e o progresso acadêmico. Esse documento também pode ser um requisito legal para comprovar a frequência escolar exigida por lei.

A ficha de presença desempenha, portanto, um papel fundamental no acompanhamento do desempenho dos estudantes, garantindo que eles não abandonem a escola por motivos fúteis. As razões pelas quais os alunos deixam de frequentar a escola são muitas e variadas. Por exemplo, um aluno que perde os pais, ficando órfão e sem apoio familiar, em condições vulneráveis na sociedade, pode ficar mais exposto ao mundo das drogas, o que diminui seu interesse em uma futura aprendizagem. A comunidade e os parentes desse aluno devem ouvi-lo atentamente, reconhecer sua dor e buscar apoio psicológico. A escola, por sua vez, deve trabalhar com projetos que ofereçam continuidade nesse apoio, ajustando cronogramas e criando estratégias pedagógicas que acomodem o aluno de maneira afetiva e significativa, mantendo-o ocupado no espaço escolar e em contato com familiares ou responsáveis, especialmente em momentos de dor.

Esse acompanhamento deve ser feito por profissionais da área que reconheçam a dor do aluno e honrem a memória de seus pais. Assim, a comunidade escolar e familiar pode oferecer apoio emocional, envolvendo o colegiado e os colegas de classe para lidar com a sensibilidade do momento.

A evasão escolar é um fenômeno multifatorial. Isso significa que ela ocorre pela soma de diversos fatores e não necessariamente por algo específico. Detectar o problema e buscar soluções para enfrentá-lo é a melhor maneira de proporcionar o retorno efetivo do aluno à escola.

Na mesma linha de pensamento, Ferreira (2001) afirma que não é apenas a escola a responsável pela evasão escolar, mas também a família e as políticas de governo, já que o Estado muitas vezes não cumpre seus deveres. Além disso, o próprio aluno também tem sua parcela de responsabilidade. Para o autor, vários fatores contribuem para a evasão escolar, incluindo o envolvimento do aluno em atividades criminosas, conflitos familiares, a necessidade de trabalhar para sustentar as despesas da família, bem como as péssimas condições de convivência e a baixa qualidade do ensino ofertado.

Algumas consequências para a vida de um aluno evadido incluem dificuldades para encontrar emprego, menor qualificação profissional, renda reduzida ao longo da vida e até mesmo impactos negativos na saúde mental. Compreender as causas da evasão escolar é



fundamental para programar medidas eficazes de prevenção e intervenção, oferecendo suporte adequado aos alunos em situação de risco.

### **Resultados da pesquisa**

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso com abordagem qualitativa, cujo propósito é compreender os fatores que contribuem para a evasão escolar de alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), a partir da realidade da Escola Municipal João Benício Magalhães, localizada na comunidade rural Riacho Grande, no município de Corrente, estado do Piauí. Pensando nisso, esta metodologia mostrou-se importante por possibilitar uma análise aprofundada das percepções, experiências e motivações dos sujeitos envolvidos, considerando o contexto social, econômico e educacional que os cerca.

A coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de questionários estruturados, direcionados tanto aos alunos matriculados na EJA quanto aos profissionais que atuam no ensino nessa modalidade. O instrumento continha questões fechadas e de múltipla escolha, abordando aspectos como o perfil sociodemográfico dos participantes, a composição familiar, o estado civil, o número de pessoas economicamente ativas na residência, os motivos para o retorno à escola, o apoio recebido e as principais dificuldades enfrentadas no processo de escolarização. As perguntas foram elaboradas com o objetivo de identificar, de forma objetiva, os elementos que incidem sobre a permanência ou abandono escolar nesse contexto educacional específico.

Participaram da pesquisa, de forma voluntária, 9 dos 12 alunos regularmente matriculados nos turnos da EJA da Escola Municipal João Benício Magalhães, além de 6 profissionais que atuam no atendimento educacional da instituição. A aplicação dos questionários ocorreu em ambiente escolar, em sala reservada, a fim de garantir privacidade e favorecer a sinceridade das respostas. Todos os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa, e a coleta foi realizada mediante o consentimento livre e esclarecido, respeitando os princípios éticos exigidos em estudos com seres humanos.

A análise dos dados foi conduzida por meio da técnica de análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2016), que permite a categorização das informações em unidades temáticas, facilitando a identificação de padrões, recorrências e contradições nos discursos dos participantes. Os dados coletados por meio dos questionários foram quantificados de maneira descritiva, permitindo visualizar tendências quanto às variáveis sociais e educacionais. As informações fornecidas pelos estudantes e profissionais

contribuíram para uma leitura interpretativa mais aprofundada, articulando as experiências e percepções dos diferentes sujeitos envolvidos no processo educacional.

Em vista disso, compreender o perfil sociodemográfico dos participantes de uma pesquisa voltada para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é fundamental para situar o fenômeno investigado dentro de seu contexto social, econômico e cultural. Neste estudo, participaram nove alunos matriculados na EJA da Escola Municipal João Benício Magalhães, localizada na comunidade Riacho Grande, zona rural do município de Corrente, no estado do Piauí, além dos profissionais que compõem o corpo docente da escola. A análise desse perfil permitiu identificar aspectos essenciais sobre a realidade dos sujeitos que frequentam e atuam nessa modalidade de ensino, evidenciando fatores que podem influenciar diretamente na permanência ou evasão escolar.

**Tabela 1** – Perfil Sociodemográfico dos Alunos Participantes da Pesquisa

Categoria	Variável	Quantidade (n)	Porcentagem (%)
Sexo	Feminino	3	33.33%
	Masculino	6	66.67%
Faixa etária	16 a 20 anos	9	100%
	21 a 25 anos	-	
	26 a 30 anos	-	
	31 a 40 anos	-	
	Mais de 40 anos	-	
Composição familiar	Pai/mãe	6	66.67%
	Filhos	-	-
	Avós	3	33.33%
	Outros	-	-
Pessoas que Trabalham em Casa	Nenhuma	2	22.22%
	Uma	-	-
	Duas	6	66.67%
	Três ou mais	1	11.11%

Estado civil	Casado	-	-
	Solteiro	8	88.89%
	Desquitado(a)/Separado(a)	1	11.11%
	Outros (união estável, viúvo, etc.)	-	-

**Fonte:** autoria própria (2025).

No que se refere ao gênero, observou-se uma predominância do sexo masculino entre os participantes da pesquisa: dos nove estudantes entrevistados, seis eram homens (66,7%) e três eram mulheres (33,3%). Esse dado contrasta com a tendência nacional apontada por estudos do IBGE e de instituições educacionais, segundo os quais a participação feminina tem sido, historicamente, mais expressiva na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Tal divergência pode estar relacionada a especificidades do contexto local, como a cultura comunitária, a divisão tradicional de papéis de gênero ou ainda barreiras adicionais enfrentadas pelas mulheres para retornar aos estudos, como a responsabilidade com os filhos ou a falta de apoio familiar.

Quanto à faixa etária, todos os estudantes que participaram da pesquisa (100%) têm entre 16 e 20 anos, o que revela um dado importante sobre o perfil da EJA nesta escola específica. Apesar de se tratar de uma modalidade voltada a jovens e adultos que não concluíram a escolarização em idade regular, o público atendido é exclusivamente jovem. Isso pode indicar que a evasão escolar ocorreu de forma recente e que esses sujeitos estão buscando retomar os estudos ainda na juventude, o que representa uma janela de oportunidade importante para sua reinserção no sistema educacional e no mundo do trabalho.

Em relação à composição familiar, a maioria dos estudantes relatou viver com os pais (6 alunos – 66,7%), enquanto os demais vivem com os avós (3 alunos – 33,3%). Esse dado evidencia vínculos familiares relativamente estáveis, mas também pode revelar a ausência de um ou ambos os pais em alguns casos, o que tende a impactar a estrutura de apoio emocional e material dos estudantes. Mesmo nos casos em que há convivência familiar próxima, é preciso considerar que as condições econômicas nem sempre favorecem a continuidade dos estudos.

No que diz respeito à situação econômica, medida pelo número de pessoas economicamente ativas no domicílio, observa-se que dois estudantes (22,2%) relataram viver em lares onde ninguém trabalha, o que acentua a vulnerabilidade socioeconômica. A maior

parte dos alunos (6 estudantes – 66,7%) afirmou que há duas pessoas trabalhando em casa, enquanto apenas um aluno (11,1%) vive em uma residência com três ou mais trabalhadores. Esses dados mostram que, embora exista alguma fonte de renda na maioria dos lares, ela ainda é limitada e, muitas vezes, insuficiente para garantir estabilidade ou proporcionar condições ideais para a permanência escolar.

Quanto ao estado civil, a maioria dos participantes é solteira (8 alunos – 88,9%), e apenas um estudante (11,1%) declarou estar divorciado. Embora a maioria não tenha responsabilidades conjugais ou familiares diretas, é importante considerar que, em muitos casos, esses jovens já enfrentam pressões ligadas à necessidade de trabalhar, ajudar financeiramente a família ou cuidar de parentes, o que pode interferir diretamente em sua trajetória escolar.

Diante desses dados, é possível afirmar que o perfil sociodemográfico dos alunos da EJA nesta localidade é marcado por juventude, predominância masculina e vulnerabilidade social. Trata-se de sujeitos que, embora estejam na faixa etária mais jovem da EJA, já vivenciam os efeitos de uma trajetória de exclusão escolar. Ao retomarem os estudos, demonstram desejo de reconstruir seus caminhos, ainda que enfrentem desafios como a instabilidade econômica, as limitações estruturais da escola do campo e a ausência de políticas públicas mais efetivas para sua permanência.

Compreender esse perfil é essencial para o desenvolvimento de políticas públicas e práticas pedagógicas mais sensíveis, que levem em consideração não apenas as defasagens de aprendizagem, mas também os contextos emocionais, sociais e econômicos que atravessam a vida dos estudantes da EJA — especialmente em comunidades rurais, onde as dificuldades de acesso à educação são ainda mais acentuadas.

**Tabela 2** – Motivos do Retorno aos Estudos

Motivo	Quantidade (n)	Porcentagem (%)
Recolocação ou capacitação profissional	2	22.22%
Pressão familiar		-
Perspectiva futura	6	66.67%
Outros (ex.: realização pessoal)	1	11.11%

Fonte: autoria própria (2025).

**Tabela 3** – Dificuldades Encontradas na Escola

Dificuldade	Quantidade (n)	Porcentagem (%)
Problemas relacionados à família		-
Dificuldade de entender a matéria	6	66.67%
Falta de tempo para estudar	2	22.22%
Falta de material didático	1	11.11%
Outras (ex.: transporte, saúde, cansaço)		-

Fonte: autoria própria (2025).

A partir da análise das tabelas apresentadas, é possível compreender que a Educação de Jovens e Adultos (EJA) continua sendo uma política pública essencial para aqueles que não conseguiram concluir seus estudos na idade considerada regular. No entanto, ao contrário do que muitas vezes se imagina, os motivos que levam esses sujeitos a retornarem à escola são diversos e não se resumem apenas à busca imediata por emprego.

No grupo pesquisado, a principal motivação para o retorno aos estudos foi a perspectiva futura, mencionada por 6 dos 9 participantes (66,7%). Esse dado revela que os estudantes da EJA não estão apenas preocupados com necessidades imediatas, mas também com um projeto de vida a longo prazo. Eles enxergam a escola como um espaço que possibilita transformações — pessoais, sociais e profissionais — e como uma ferramenta de superação de obstáculos históricos, sejam eles individuais ou coletivos. Esse tipo de motivação demonstra que a educação, para esses sujeitos, está profundamente conectada a sonhos e esperanças, e não apenas a exigências do mercado de trabalho.

A recolocação ou capacitação profissional apareceu como motivo para apenas 2 participantes (22,2%), o que indica que, embora a relação entre educação e trabalho seja importante, ela não é o principal motor para o retorno à escola nesse grupo específico. Ainda assim, esse dado mostra que alguns estudantes vêem a certificação escolar como um diferencial que pode abrir portas no mercado de trabalho, seja pela exigência de escolarização formal, seja pela busca por qualificação técnica.

A categoria "outros motivos", que inclui, por exemplo, a realização pessoal ou o desejo de servir de exemplo para os filhos, foi mencionada por 1 participante (11,1%).

Trata-se de uma motivação mais subjetiva e íntima, mas que também carrega grande potência simbólica: o retorno à escola, nesse caso, representa uma conquista pessoal, um passo importante na reconstrução da autoestima e da identidade como sujeito de direitos e saberes.

Apesar da motivação para retomar os estudos, os dados também revelam importantes dificuldades enfrentadas pelos alunos da EJA. A mais citada foi a dificuldade de entender a matéria, mencionada por 6 dos 9 participantes (66,7%). Esse índice reforça a urgência de se pensar em práticas pedagógicas mais acessíveis e contextualizadas, que dialoguem com a realidade dos alunos e respeitem os diferentes ritmos de aprendizagem. Muitos estudantes da EJA carregam lacunas acumuladas ao longo de anos de distanciamento da escola, o que exige dos educadores um olhar atento, sensível e metodologias que valorizem os saberes prévios dos alunos, sem desconsiderar suas dificuldades.

A falta de tempo para estudar foi relatada por 2 participantes (22,2%) e evidencia a sobrecarga enfrentada por muitos desses estudantes, que precisam conciliar trabalho, responsabilidades familiares e estudo. Essa realidade é comum entre jovens e adultos que voltam a estudar e interfere diretamente na frequência escolar e no rendimento acadêmico, podendo contribuir para a evasão, caso não haja uma rede de apoio suficiente.

Por fim, a falta de material didático foi apontada por 1 aluno (11,1%), revelando a precariedade estrutural ainda presente em muitas escolas públicas, especialmente nas zonas rurais. A escassez de livros, cadernos, recursos tecnológicos e outros materiais pedagógicos pode comprometer o processo de ensino-aprendizagem e dificultar o trabalho do professor, que muitas vezes precisa improvisar ou arcar com esses custos.

**Tabela 4** - Incentivo Familiar para Estudar

Fonte de Incentivo	Número de Participantes	Porcentagem (%)
Pais	6	66.67%
Cônjuge	-	-
Amigos	1	11.11%
Outros	2	22.22%
Não receberam incentivo	-	-

**Fonte:** autoria própria (2025).

A partir dos dados coletados, é possível perceber que o incentivo familiar e social tem um papel relevante no retorno e na permanência dos estudantes na Educação de Jovens e Adultos (EJA). No levantamento realizado, 9 participantes (45%) relataram ter recebido algum tipo de apoio para retomar os estudos, enquanto 11 participantes (55%) afirmaram não ter contado com incentivo de ninguém. Ou seja, mais da metade dos entrevistados não contou com redes de apoio, o que acende um alerta sobre a solidão enfrentada por muitos alunos nesse processo.

Entre aqueles que foram incentivados, os pais se destacam como a principal fonte de motivação, sendo mencionados por 6 participantes (30%). Esse dado reforça a ideia de que, mesmo na vida adulta, o vínculo familiar continua exercendo influência na trajetória escolar dos indivíduos. A valorização da educação dentro do núcleo familiar, muitas vezes, serve como impulso emocional para que os filhos busquem concluir sua escolaridade.

Além dos pais, 1 participante (5%) relatou ter sido incentivado por amigos, demonstrando que as redes de apoio não se limitam ao ambiente familiar. Laços de amizade também contribuem para elevar a autoestima e a motivação, sendo fundamentais para enfrentar os desafios diários da EJA. Outros 2 participantes (10%) apontaram a irmã como figura importante no retorno aos estudos, o que amplia o entendimento de que o suporte pode vir de diferentes membros da família e não apenas dos pais.

Por outro lado, chama atenção o fato de que mais da metade dos participantes (11 pessoas, ou 55%) afirmou não ter recebido qualquer tipo de incentivo. Essa ausência de apoio pode tornar o percurso escolar ainda mais difícil, considerando os múltiplos obstáculos enfrentados por quem retorna à escola na vida adulta, como o acúmulo de responsabilidades, a insegurança com o processo de aprendizagem e a falta de recursos básicos.

Diante disso, torna-se evidente a importância de fortalecer redes de apoio ao redor dos estudantes da EJA. Projetos escolares que dialoguem com as famílias, ações comunitárias que valorizem a educação e estratégias pedagógicas sensíveis à realidade desses alunos podem contribuir para a permanência e o sucesso escolar. Reconhecer que o estímulo emocional e social faz diferença é essencial para criar ambientes de aprendizagem mais acolhedores e efetivos.

Como afirma Barbosa (2017),

A prática pedagógica consiste em conhecer a história e a experiência de vida dos alunos, conhecermos seus valores, e a importância que os levou a continuar seus estudos, conhecemos a sua cultura, o saber prático que eles trazem consigo durante toda a sua vida. Esses saberes adquiridos são de extrema importância na relação professor e alunos, e a elaboração do currículo escolar da EJA deve ser

contextualizada no meio educacional, como um desafio para ambas as partes, um avanço, ampliando seus conhecimentos partindo do que é real, consolidando suas aprendizagens prévias, e fortalecendo sua autoconfiança (Barbosa, 2017, p.20)..

Valorizar como válidas (ainda que passíveis de questionamento) as vivências que os jovens estudantes acumulam em diferentes contextos - como no ambiente de trabalho, no convívio familiar, nas práticas culturais, nas relações de rua, nos grupos de amigos e também na escola - é essencial para que se construa um verdadeiro diálogo com eles. Esse diálogo, por sua vez, é fundamental para que o conhecimento transmitido na escola faça sentido em suas vidas e tenha relevância em sua formação.

Além da escuta com os alunos, a pesquisa também contemplou a participação de 6 professores que atuam na Educação de Jovens e Adultos (EJA), sendo 4 homens e 2 mulheres. O objetivo dessa etapa foi compreender como esses profissionais percebem a evasão escolar, os desafios enfrentados pelos estudantes e suas próprias condições de formação para atuar nessa modalidade.

Quando questionados sobre a taxa de evasão escolar entre os alunos da EJA em suas respectivas escolas, metade dos docentes (3 professores, ou 50%) classificou essa taxa como média, enquanto 2 (33,3%) a consideraram alta, e apenas 1 (16,7%) avaliou a evasão como baixa. Esses dados sugerem uma percepção generalizada de que a evasão é um fenômeno presente e preocupante, ainda que sua intensidade varie conforme a realidade de cada turma ou unidade escolar.

Em relação às principais causas que contribuem para a evasão escolar, a resposta mais recorrente foi a necessidade de trabalhar, apontada por 4 professores (66,7%). Isso evidencia uma sobreposição entre os papéis sociais e laborais dos estudantes da EJA, que, na maioria das vezes, precisam conciliar os estudos com jornadas extensas de trabalho. Um professor (16,7%) indicou problemas familiares como principal fator, enquanto outro (16,7%) adotou uma perspectiva mais ampla, afirmando que há vários fatores envolvidos, incluindo dificuldades financeiras e familiares, o que reforça a complexidade do fenômeno da evasão e a necessidade de políticas públicas integradas.

Ao serem convidados a avaliar o nível de desenvolvimento e aprendizagem de seus alunos, 4 professores (66,7%) classificaram o desempenho como regular, e os outros 2 (33,3%) o avaliaram como bom. Isso indica que, embora haja reconhecimento de avanços, ainda existem desafios significativos no processo de ensino-aprendizagem, possivelmente relacionados às lacunas educacionais acumuladas ao longo da trajetória dos alunos, além das limitações estruturais da modalidade EJA.



Outro dado preocupante refere-se à formação docente específica para a EJA. Quando perguntados se já haviam participado de algum programa de capacitação voltado especificamente para essa modalidade, 5 professores (83,3%) responderam não, enquanto apenas 1 (16,7%) mencionou ter participado de formação continuada de professores. Essa carência de capacitação direcionada revela uma lacuna na política de formação docente e pode comprometer diretamente a qualidade do ensino ofertado, sobretudo se considerarmos as especificidades pedagógicas, culturais e sociais do público atendido pela EJA.

Na pergunta 5, os professores foram convidados a refletir se a evasão é apenas um problema social e econômico, ou se a escola também tem responsabilidade por meio da falta de um apoio pedagógico mais competente. A escala utilizada variava de 1 (discordância total) a 5 (concordância total). A maioria dos participantes (5 professores, ou 83,3%) atribuiu a nota 3, sinalizando uma posição intermediária, ou seja, reconhecem tanto os fatores externos quanto às limitações internas da escola como corresponsáveis pela evasão. Apenas 1 professor (16,7%) marcou 4, sugerindo uma concordância um pouco mais acentuada com a ideia de que a escola também precisa rever suas práticas e formas de apoio pedagógico.

A pergunta 6 afirmava que a evasão escolar é um problema político e econômico, mas que também sofre influência da falta de força de vontade dos alunos e dos desajustes familiares, que contribuem para a desmotivação escolar. As respostas indicaram certa concordância com essa visão: 5 professores (55,6%) marcaram nota 4, 2 professores (22,2%) deram nota 2, demonstrando certo desacordo, e 1 professor (11,1%) marcou nota 3, ficando em posição neutra. Esse dado revela que a maioria dos docentes entende a evasão como um fenômeno multifatorial, em que aspectos individuais, familiares e estruturais coexistem, mas também reforça uma visão que, em parte, responsabiliza o estudante e sua família, o que exige atenção para não reforçar estigmas.

Já na pergunta 7, discutiu-se a seguinte afirmação: “Se não se resolverem os problemas sociais e econômicos, jamais a escola irá resolver o problema da evasão escolar”. As respostas foram mais distribuídas: 2 professores (33,3%) marcaram nota 4, 2 professores (33,3%) marcaram nota 1, 1 professor (16,7%) marcou nota 5 e outro (16,7%), nota 3. A variedade de respostas mostra a diversidade de posicionamentos entre os docentes: enquanto alguns creem que a evasão só poderá ser enfrentada com a resolução de problemas estruturais, outros consideram que a escola pode e deve agir de maneira transformadora mesmo diante das adversidades sociais.

Já a pergunta 8 investigou como os professores avaliam o apoio familiar no processo de permanência dos alunos na escola. As respostas ficaram majoritariamente no centro da

escala: 3 docentes (50%) marcaram nota 3, 1 marcou 4, 1 marcou 5 (máxima), e 1 marcou 2. Esses dados apontam que, para a maioria, o apoio familiar tem um papel relevante, mas não decisivo ou garantido, na trajetória escolar dos estudantes da EJA. Isso reforça a importância de ações escolares que envolvam e mobilizem as famílias, reconhecendo que muitos alunos da EJA enfrentam situações de afastamento, negligência ou até rompimento com o núcleo familiar.

Continuando a pesquisa, a pergunta 9 teve como objetivo compreender como os professores promovem a autoestima e a motivação dos alunos da EJA, aspectos fundamentais para a permanência e o envolvimento dos estudantes com o processo de ensino-aprendizagem. Um dos professores destacou a importância de propor um ensino-aprendizagem que contemple o currículo, mas que também dialogue com a realidade dos alunos.

Outra resposta enfatiza o modo como a atitude do professor diante da aula impacta diretamente a valorização do processo educativo. Ao “tratar a aula como uma coisa importante para os alunos”, o docente mostra que acredita na capacidade de aprendizagem dos estudantes, algo essencial para construir uma relação de confiança e respeito.

Uma das falas mais completas aponta estratégias específicas voltadas à valorização da autoestima: “reconhecer o saber prévio dos alunos, respeitar seus ritmos, adaptar atividades e estimular a participação, mesmo que pequena”, uma perspectiva que se alinha com os princípios da pedagogia da autonomia, defendida por Paulo Freire, ao entender que cada aluno já carrega uma bagagem de conhecimentos e que o papel do educador é fortalecer esse repertório para que ele se sinta capaz de continuar aprendendo.

Por fim, outro professor relata o uso de brincadeiras relacionadas à realidade dos alunos, o que revela uma tentativa de tornar a aula mais leve e acolhedora, promovendo um ambiente onde o aprender não seja apenas uma obrigação, mas também uma experiência prazerosa e significativa.

A décima e última pergunta buscou investigar quais medidas os professores consideram mais eficazes para prevenir a evasão escolar entre os alunos da EJA. Uma das estratégias mais citadas foi a criação de um ambiente acolhedor e inclusivo, em que o aluno se sinta valorizado e respeitado. Um dos professores afirmou que é essencial “criar um ambiente acolhedor e inclusivo valorizando a cultura do aluno”, enquanto outro destacou a importância de “fazer com que o aluno sinta-se bem no ambiente escolar”. Essas práticas demonstram o compromisso dos docentes com uma educação que reconhece os sujeitos da EJA em sua totalidade, e não apenas como aprendizes.

Também foi mencionada a relevância de trabalhar de forma lúdica e humanizada, como afirmou um participante: “trabalhar de forma lúdica e humanizada”. Esses elementos reforçam a ideia de que a experiência escolar precisa ser significativa e afetiva para promover o engajamento dos estudantes.

Outro ponto central nas respostas foi o acolhimento e a escuta ativa. Um dos professores escreveu: “em primeira instância o acolhimento e escuta ativa são fundamentais. também considero eficaz adaptar os conteúdos à realidade dos alunos, oferecer horários e atividades flexíveis, manter contato frequente em casos de ausência e promover um ambiente respeitoso e motivador, que valoriza suas conquistas e objetivos de vida”. Essa fala mostra a importância de uma escuta atenta às demandas dos estudantes, valorizando suas histórias e respeitando seus ritmos.

Além disso, foi citada a necessidade de “motivação, compromisso, ensino de qualidade” como medidas imprescindíveis. Isso revela que, além das questões estruturais, o envolvimento do professor também tem impacto direto na permanência dos estudantes.

Por fim, destaca-se a percepção da escola como um espaço de construção conjunta com as famílias. Um dos participantes apontou que é fundamental “dialogar com as famílias desses alunos com o intuito de mostrar a importância da educação escolar na formação do cidadão como um ser crítico e para o mundo do trabalho. Assim, acredito que esse diálogo poderá despertar o interesse do aluno nas atividades escolares, diminuindo a evasão escolar”.

Em vista disso, podemos argumentar que as respostas dos professores mostram uma visão sensível, prática e comprometida com a permanência dos alunos na EJA. Elas apontam que prevenir a evasão escolar exige mais do que conteúdo: requer acolhimento, escuta, diálogo com a realidade dos estudantes, envolvimento das famílias e um ambiente escolar que valorize cada conquista individual.

### **Considerações Finais**

A presente pesquisa teve como objetivo compreender, a partir da escuta de alunos e professores da Educação de Jovens e Adultos (EJA), os principais fatores que influenciam a evasão escolar e as estratégias que podem ser adotadas para promover a permanência dos estudantes. Ao reunir e analisar os dados coletados por meio dos questionários, foi possível traçar um panorama que evidencia tanto os desafios enfrentados quanto as potências existentes no cotidiano da EJA.

Do ponto de vista dos alunos, observou-se que o incentivo familiar desempenha um papel significativo no processo de retorno e continuidade nos estudos. Ainda que muitos relatem contar com o apoio de pais e familiares, há uma parcela que não recebeu qualquer tipo de estímulo, o que reforça a importância das redes de apoio para garantir a permanência. O desejo de concluir os estudos, a busca por melhores oportunidades de trabalho e o reconhecimento da importância da escolarização aparecem como motivações centrais, mesmo diante das dificuldades enfrentadas, como a jornada dupla de trabalho e estudo, o cansaço físico, a idade avançada e, por vezes, a baixa autoestima.

A escuta dos professores revelou percepções relevantes sobre a realidade da EJA, uma vez que a maioria aponta a evasão como um problema de nível médio a alto, sendo a necessidade de trabalhar o fator mais frequentemente associado ao abandono escolar. A avaliação da aprendizagem dos alunos é considerada, em sua maioria, regular, e poucos docentes participaram de formações específicas voltadas para a modalidade, o que pode limitar o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais alinhadas às necessidades desse público.

As respostas às perguntas abertas demonstraram que os professores estão atentos às dificuldades vividas pelos estudantes, mas também à importância de promover um ensino significativo. Destacam estratégias como a valorização das experiências de vida dos alunos, o uso de metodologias lúdicas e humanizadas, o acolhimento, o diálogo com as famílias e a criação de um ambiente escolar inclusivo e respeitoso. Em suas falas, os docentes reconhecem que a evasão escolar na EJA é atravessada por questões sociais, econômicas e políticas, e que a escola, embora não possa resolver todos esses problemas sozinha, pode agir de forma mais sensível e engajada para enfrentá-los.

Diante disso, é possível concluir que a permanência dos alunos na EJA depende de múltiplos fatores – desde o suporte familiar e social até práticas pedagógicas adequadas à realidade desses estudantes. A escuta ativa, o respeito às trajetórias individuais e o fortalecimento de vínculos entre escola, aluno e comunidade são caminhos promissores para o enfrentamento da evasão escolar. Por fim, torna-se necessário argumentar sobre a necessidade urgente de políticas públicas que valorizem e invistam na formação continuada de professores da EJA, garantindo-lhes melhores condições de trabalho e ferramentas para construir uma educação verdadeiramente emancipadora.

## **Referências**

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Brasília: MEC, 2000.

COSTA, Ana Caroline Pinto. Metodologias ativas e a evasão escolar na EJA: uma revisão de literatura. **Revista Portuguesa de Gestão Contemporânea**, v.1, n.1, 2020. Disponível em: <[https://revistas.editoraenterprising.net/index.php/rpgc/article/view/283?utm\\_source=chatgpt.com](https://revistas.editoraenterprising.net/index.php/rpgc/article/view/283?utm_source=chatgpt.com)>. Acesso em: 30 mai. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FERREIRA, L. A. M. **Direito da criança e do adolescente: direito fundamental à educação**. Presidente Prudente: 2001.

O GLOBO. **IBGE: Mulheres são maioria em cursos do EJA**. 2011. Disponível em: <[https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/ibge-mulheres-sao-maioria-em-cursos-do-eja-3145640?utm\\_source=chatgpt.com](https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/ibge-mulheres-sao-maioria-em-cursos-do-eja-3145640?utm_source=chatgpt.com)>

OLIVEIRA, Franciele Silva de; PEREIRA, Henrique Andrade. Estratégias para combater a evasão escolar na educação de jovens adultos. **Publicações Alfa**, 2021. Disponível em: <[https://repositorio.alfaunipac.com.br/publicacoes/2021/707\\_estrategias\\_para\\_combater\\_a\\_evasao\\_escolar\\_na\\_educacao\\_de\\_jovens\\_e\\_adu.pdf](https://repositorio.alfaunipac.com.br/publicacoes/2021/707_estrategias_para_combater_a_evasao_escolar_na_educacao_de_jovens_e_adu.pdf)>. Acesso em: 28 mai. 2025.

OLIVEIRA, Nair. Jovens Mulheres: Motivos Do Abandono Escolar Na Educação De Jovens e Adultos Em Duas Escolas Do Estado De Mato Grosso. **Revista Prática Docente**, 2021. Disponível em: <[https://www.academia.edu/103112224/Jovens\\_Mulheres\\_Motivos\\_Do\\_Abandono\\_Escolar\\_Na\\_Educa%C3%A7%C3%A3o\\_De\\_Jovens\\_e\\_Adultos\\_Em\\_Duas\\_Escolas\\_Do\\_Estado\\_De\\_Mato\\_Grosso?utm\\_source=chatgpt.com](https://www.academia.edu/103112224/Jovens_Mulheres_Motivos_Do_Abandono_Escolar_Na_Educa%C3%A7%C3%A3o_De_Jovens_e_Adultos_Em_Duas_Escolas_Do_Estado_De_Mato_Grosso?utm_source=chatgpt.com)>. Acesso em: 23 mai. 2025.

RIBEIRO, Ana Emília. Estudo do IBGE aponta que a maternidade afasta jovens dos estudos. **Vermelho**, 2020. Disponível em: <[https://vermelho.org.br/2013/12/02/estudo-do-ibge-aponta-que-maternidade-afasta-jovens-dos-estudos/?utm\\_source=chatgpt.com](https://vermelho.org.br/2013/12/02/estudo-do-ibge-aponta-que-maternidade-afasta-jovens-dos-estudos/?utm_source=chatgpt.com)>. Acesso em: 22 mai. 2025.

RODRIGUES, I. R.; BENTES, H. de V. Educação do Campo adaptando métodos pedagógicos: proposta para EJA sem evasão nas comunidades quilombolas. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/campo/article/view/3284>>. Acesso em: 30 mai. 2025.

SILVA, Ana Maria Frias Ribeiro da et al. Evasão na educação de jovens e adultos (EJA): desafios, causas e possíveis estratégias de permanência. **Revista Educação Contemporânea**, v.2, n.1, 2025. Disponível em: <[https://www.editoraverde.org/portal/revistas/index.php/reca/article/view/391?utm\\_source=chatgpt.com](https://www.editoraverde.org/portal/revistas/index.php/reca/article/view/391?utm_source=chatgpt.com)>. Acesso em: 28 mai. 2025.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Construção do conhecimento em sala de aula. **Cadernos Pedagógicos do Libertad**, v.2, n.3, 1995. Disponível em: <<https://ria.ufrn.br/handle/123456789/3110>>. Acesso em: 22 mai. 2025.